TEILHARD EM PORTUGAL Hoje

Boletim da Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

IV TRIM. 2016 ANO XI Nº 27

SUMÁRIO:

EDITORIAL:
Natal: Cristo soerguendo o Mundo: evocação de Teilhard de Chardin

- ✓ **TEILHARD NO MUNDO – *Hoje*: «Uma amizade indefectível»** *Padre Pierre Leroy sj*
- ✓ **Falando de Teilhard na Internet – *em português* CORPO CÓSMICO** *Frei Betto*
- ✓ **«Cristo e o Big Bang»** *Ilia Delio*
- ✓ **11º RETIRO ANUAL AAPTCP, Rodízio 2, 3 e 4 de junho de 2017**
- ✓ **CURSO TEILHARD Academia das Ciências 6-22 fevereiro 2017**
- ✓ **Orando com Teilhard** *Vida Cósmica*
- ✓ **La Pensée de Teilhard** *«Le Christique»*

Ω

Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal
R.Vila Catió, 397 - 6º esq.
1800-348 LISBOA

Divulgue a AAPTCP junto dos seus amigos

teilhard.portugal@sapo.pt
www.amigosteilhardportugal.pt

EDITORIAL

A Associação dos Amigos de Teilhard de Chardin de França enviou este texto a todas as congéneres por esse mundo fora, assinalando, com esta evocação do pensamento de Teilhard, a quadra Natalícia. Pela riqueza de sentidos que encerra, decidimos traduzi-lo e apresenta-lo aqui aos nossos leitores, à guisa de Editorial.

NATAL - CRISTO SOERGUENDO O MUNDO

A inspiração e a visão profética de Pierre Teihard de Chardin revelam-nos a dimensão da oferta que o Natal traz ao homem, ao mundo e, misteriosamente, ao próprio Deus.

Oferta para o Homem: Os extraordinários progressos na nossa inteligência e das nossas capacidades fazem com que dominemos o nosso planeta e a sua evolução. Esta responsabilidade gera perplexidade: e se, devido aos nossos apetites e excessos, viéssemos a originar a destruição da nossa Terra? Esta hipótese vem sendo cada vez mais colocada: guerra nuclear, aquecimento global, explosão demográfica, luta pela água e as matérias-primas… A aventura humana corre o risco de não avançar por nossa culpa. Mas eis aí o Natal: é impossível que a nossa história fracasse. Incarnando-se, Deus coloca-se ao nosso lado e garante um final feliz. É esta a esperança autenticamente cristã, é este o presente essencial de Natal que nos é oferecido. Contudo, esta certeza do êxito final decorre dum acto de fé e, por isso, subsiste a ansiedade própria da condição humana.

Oferta para o mundo: O pensamento de Teilhard foi ao arrepio do da Igreja do seu tempo. Para ele, com efeito, Jesus não veio à Terra para remediar um mundo decaído por causa do pecado, mas sim para conduzi-lo, através do homem, à sua completude máxima, ou seja, à sua divinização. Teilhard retoma a afirmação feita por Ireneu de Lyon, no século III: *«Deus torna-se no que nós somos para nos permitir tornarmo-nos naquilo que Ele é.»* O infinito fazendo-se finito para que o finito aceda, desse modo, ao infinito. O Natal é igualmente uma oferta essencial para o mundo; Deus revela-nos o seu projecto: tudo reunir em Jesus para que *«Deus seja tudo em todos.»* Que sorte temos de viver neste tempo depois do primeiro Natal, em que Jesus se revelou a chave da história universal e do nosso destino!

Oferta para Deus: Mais exigente ainda: Teilhard afirma que o Natal transforma a própria natureza de Deus que assim encontra a plenitude da sua glória ao divinizar-nos em Cristo. Aquele que recebe o dom de Deus, o homem, é também o que dá alguma coisa Àquele a quem tudo deve, Deus. Este duplo movimento é único na história do cosmos: Deus intervém para introduzir na humanidade aquilo que nenhuma evolução poderia alcançar: a própria pessoa de Deus. Paralelamente, o homem Jesus de Nazaré torna-se Deus, o que, por si só, nunca o teria sido, e arrebata-nos consigo. Teilhard lembra-nos que este presente extraordinário não acontece por acaso; bem ao contrário, o Natal foi pensado, querido e preparado por Deus desde os alvores do universo:

«Deus não quis isoladamente o sol, a terra, as plantas, o homem. Ele quis o seu Cristo e, para o ter, teve de criar o mundo espiritual e, por conseguinte, os homens, sobre quem germinaria o Cristo. E para ter o homem, Ele teve de lançar o enorme movimento da vida… Ele não esteve ausente durante o tempo imenso que precedeu o primeiro Natal, porque o tempo decorria sob o Seu influxo poderoso. É a geração do Seu espírito criador que revolve as massas cósmicas e suscita as primeiras aparições da biosfera. É a preparação do Seu nascimento que acelera a evolução do instinto e a eclosão do pensamento sobre a Terra. Não estranhemos, impensadamente, a espera interminável que o Messias nos impôs. Foram necessários os labores dolorosos e anónimos do Homem primitivo, a antiga beleza egípcia, a espera inquieta de Israel, o perfume lentamente destilado dos místicos orientais, a sabedoria cem vezes refinada dos Gregos para que, sobre a haste de Jessé e da Humanidade, a Flor pudesse eclodir. Toda esta preparação foi cósmica e biologicamente necessária para que Cristo surgisse na humanidade. E este longo e imenso trabalho foi animado pelo despertar activo e criador da Sua alma, porque esta alma humana fora destinada a animar o Universo. Quando Cristo apareceu nos braços de Maria, o Mundo, por Ele e com Ele, elevou-se à transcendência.»

(Teilhard de Chardin, O Meu Universo, 1924)

Uma amizade indefectível [1]

Padre Pierre Leroy sj

*O Centro Teilhard do **Sri Lanka** retirou recentemente dos seus arquivos e divulgou às congéneres o texto duma conferência proferida no dia 1 de abril de 1987 pelo **Padre Pierre Leroy** (1900-1992), por ocasião da inauguração do Centro de Estudos Teilhardianos da Universidade de Georgetown, Washinton D.C. Grande amigo e companheiro de Teilhard, com quem colaborou na China, em França e nos E.U. (foi o único amigo a acompanhar o funeral de Teilhard, em Nova Iorque, em abril de 1955), o Padre Leroy fala-nos neste texto do relacionamento entre ambos, ao mesmo tempo que nos expõe, com grande clareza, a visão de Teilhard. Em 1976, Leroy publicou um volume contendo as cartas que Teilhard lhe escreveu e que ele intitulou «Cartas familiares de Pierre Teilhard de Chardin, meu amigo – 1948-1955»* [2].

Padres Pierre Leroy e Emile Licent, Tien-Tsin, 1939

Ninguém poderia prever que, trinta e dois anos depois da morte de Teilhard, eu me encontraria aqui, hoje, em Washington, para a inauguração de um Centro dedicado ao estudo da sua obra. Fiquei surpreendido e, sobretudo, encantado de receber o convite do Padre Thomas King [3] e aceitei-o com entusiasmo, apesar das minhas razões evidentes para não empreender uma tal viagem. Devo reconhecer que tudo foi feito para tornar possível esta minha estadia entre vós.

Para começar, quereria agradecer ao Padre King, a M. Jeffs e a todos os outros organizadores deste grande dia. Tenho a certeza de que eles aceitarão os meus calorosos votos pelo sucesso do seu empreendimento. Que a influência espiritual e intelectual deste Centro possa exercer-se não apenas na América, mas em todo o mundo, a fim de dar uma verdadeira imagem da pessoa de Teilhard de Chardin. E a todos muito obrigado por estarem aqui hoje. A vossa presença encoraja-me a evocar as minhas lembranças duma

[1] Tradução deste texto da responsabilidade da AAPTCP
[2] Texto de introdução da responsabilidade da AAPTCP
[3] Padre Thomas King sj (1929-2009), jesuíta americano, grande divulgador do pensamento e obra de Teilhard nos EU e criador do Centro de Estudos Teilhardianos, da Georgetown University. Em 2005, publicou a sua última obra sobre Teilhard de Chardin, intitulada *Teilhard's Mass – Approaches to «The Mass on the World»*, editada em França sob o título «La Messe de Teilhard», com prefácio do Padre François Euvé sj. (NT)

amizade que tornou a minha vida mais rica.

Tive o grande privilégio de conhecer intimamente o Padre Teilhard. Vivi com ele na China durante seis longos anos. Acompanhei-o no seu regresso a França em 1946 ; estava em Chicago quando ele morreu subitamente em Nova Iorque, em 1955. Pude beneficiar da sua influência e do seu exemplo ao longo dos grandes acontecimentos que vivemos lado a lado. Como todas as grandes almas, ele fazia passar, profundamente, por aqueles que o compreendiam, uma forte corrente que os arrastava sempre na sua esteira.

A minha breve intervenção sobre Teilhard e a sua obra comportará três partes:

Em primeiro lugar, recordarei alguns dos acontecimentos marcantes que se deram ao longo dos vinte e sete últimos anos da vida do meu amigo.

Em segundo lugar, consideraremos os princípios fundamentais que subjazem à sua obra: deveriam constituir, para todos os cristãos, um encadeamento coerente e lógico.

E, contudo, Teilhard teve que se defrontar com numerosos detractores e muitas humilhações. A maneira como ele encontrou as forças para não ceder à amargura, será a terceira parte daquilo que gostaria de vos dizer.

No final, espero que ficareis com uma ideia um pouco mais clara desta alma excepcional, inteiramente devotada ao seu ideal: restituir ao Cristo o lugar que lhe é devido nas nossas vidas e na evolução do Universo, de que ele é o Mestre e a inspiração incomparável.

PRIMEIRA PARTE

O ENCONTRO

Jovem Jesuíta, em 1928 estava eu na Lorena, estudante de Biologia Geral numa universidade laica. O nosso sábio professor, Lucien Cuénot, tinha-nos provado que a teoria da evolução era realmente aplicável às criaturas vivas. Da mais pequena identidade biológica até ao homem (talvez a única criatura capaz de reflexão) era possível seguir a expressão individual e temporal duma corrente de consciência universal ascendente. O homem não era uma excepção. Dependia igualmente desta corrente.

Achei esta conclusão desconcertante. Contradizia o ensino da filosofia. Na verdade, se a vida espiritual subia progressivamente desde o início da criação até à aparição do homem, não via onde é que Deus pudesse intervir para criar as almas no decurso do processo. A acção directa de Deus tornava-se, assim, subitamente supérflua.

Quem tinha razão? A ciência da evolução ou o meu catecismo? Na minha incerteza, tentei procurar ajuda, mas nenhuma resposta me satisfez.

Tinha ouvido dizer que o Padre Teilhard se encontrava em Paris para uma curta estadia. Não o conhecia senão através dos seus artigos. Por que não escrever-lhe? Talvez me fornecesse a solução que eu procurava. Respondeu-me de imediato: «Venha ter comigo ao laboratório de paleontologia do Museu de História Natural». Foi assim que, algumas semanas antes dos exames, eu abandonei tudo, incluindo as aulas teóricas e os trabalhos práticos.

O laboratório do Museu em que me introduziram estava praticamente vazio. Não havia nada exposto, nem objectos nem papéis de qualquer espécie. Apenas havia alguns livros e brochuras pelas estantes. A luz filtrada através das grandes janelas tornava a nudez do espaço ainda mais marcante.

E ali, de pé, à minha frente, estava Teilhard. Um colarinho de clérigo e uma sobrecasaca de padre conferiam-lhe um ar de grande distinção. Mas foi o seu olhar que mais me impressionou. Um olhar que trespassava sem nos ferir. A sua expressão irradiava uma bondade natural.

Indicou-me uma cadeira e apoiou-se descontraidamente no rebordo da mesa. Tive dificuldade em me exprimir. Misturava as palavras e sentia-me incapaz de expor claramente o meu problema. Mas ele compreendeu-me imediatamente e deu-me confiança com o seu sorriso incomparável. É que ele próprio tinha esbarrado exactamente com as mesmas dificuldades. Passadas duas horas de conversação, teve de me deixar, mas devo confessar que, naquela ocasião, não compreendi inteiramente a sua resposta. Mas tinha reencontrado a paz interior. Acabava de encontrar um mestre em quem podia confiar, um mestre que se iria tornar meu amigo.

Isto aconteceu há perto de sessenta anos !

UM ENCONTRO DECISIVO

Após este encontro, correspondemo-nos sem regularidade. Infelizmente, perdi o rasto de toda a nossa correspondência trocada durante a segunda guerra mundial. Para mim, o grande período iniciou-se em fins de 1939. Teilhard regressou dos Estados Unidos para retomar o seu lugar na China, ele tinha passado todo o ano anterior. Nessa época, eu dirigia o Museu de História Natural de Tien-Tsin. As consequências da guerra sino-japonesa obrigaram-nos a trocar Tien-Tsin por Pequim, onde Teilhard vivia. Foram-nos cedidas duas casas adjacentes pela embaixada de França, que passaram a ser a nossa habitação e local de armazenamento das colecções trazidas de Tien-Tsin. Eramos três pessoas. Um velho padre ocupava-se dos arranjos domésticos. O laboratório do Padre Teilhard era no rés-do-chão e o meu no primeiro andar.

UM PRIVILÉGIO

A partir do seu exílio na China, Teilhard tornou-se um eterno viajante. Realizou contínuas missões científicas, percorrendo toda a Ásia, da China à Índia, de Pequim ao norte da Manchúria, de Norte a Sul de Leste a Oeste. E, como se isso não bastasse, teve igualmente de viajar entre a América, a China e a Europa. Era um acontecimento raro quando conseguia passar umas semanas seguidas em qualquer das nossas casas. De 1939 a 1946, a guerra manteve-o cativo em Pequim. A dureza de atitude dos japoneses tornava impossível qualquer trabalho no terreno. Tivemos de nos contentar com o que estava à nossa disposição. Vivíamos sob o mesmo tecto e tive toda a oportunidade de observar Teilhard ao longo dessa vida monótona que, sem ele, teria sido sufocante. Todas as manhãs, depois do pequeno-almoço, conversávamos durante uns vinte minutos. Depois, cada um ia às suas ocupações. Por volta das cinco horas da tarde, saíamos a visitar

amigos, de tal forma nos sentíamos isolados naquela enorme capital chinesa. Regressávamos a casa algumas horas mais tarde.

Assim decorreu a vida entre 1940 e 1946. A atmosfera de opressão derivada da ocupação japonesa agravava a nossa situação. Os círculos científicos de Pequim deixaram de ter pessoal e recursos. Tornava-se-nos difícil continuarmos. Os nossos amigos ingleses e americanos eram tratados como prisioneiros. Deixaram de poder sair de casa ou receber amigos. Quando se deu a derrota do Japão, em agosto de 1945, não tínhamos senão um desejo: regressar à Europa o mais depressa possível. Os meios de comunicação eram totalmente inexistentes e foi só em maio de 1946 que Teilhard conseguiu regressar a França. Ficou na casa dos jesuítas de Paris (*Études*, rue Monsieur), onde já se tinha hospedado noutras ocasiões.

Apesar da desorganização da vida em Paris, que pouco a pouco recuperava dos anos da ocupação alemã, Teilhard conseguiu reencontrar os seus amigos. Muitas pessoas vinham vê-lo, outras, ainda, pediam-lhe que participasse em movimentos intelectuais que ocorriam na Paris do pós-guerra. Infelizmente, sobreveio-lhe um ataque cardíaco que o obrigou a interromper todas as actividades. Após vários meses de tratamento, sentiu-se suficientemente bem para se dirigir a Nova Iorque, onde passou o final de 1947 e a primavera de 1948. Mas quando regressou a Paris, sofria de crises de angústia que o impediam de trabalhar.

Teilhard tinha de fazer face a dois problemas. Em primeiro lugar, iria finalmente ser-lhe concedida autorização de publicar o seu livro «O Fenómeno Humano»? O manuscrito tinha sido enviado aos censores, mas nunca mais lhe tinham dito nada. Em segundo lugar, iria ele obter dos seus superiores jesuítas autorização para ocupar uma cátedra de ensino no Collège de France, em Paris? A fim de aclarar a situação uma vez por todas, solicitou uma audiência ao Geral da ordem em Roma. O Padre Janssens dispensou-lhe um caloroso acolhimento mas, no entanto, não lhe acordou as autorizações.

Aqui, gostaria de sublinhar a força de carácter do Padre Teilhard. As decepções que tinha repetidamente sofrido, umas atrás das outras, teriam bastado para lançar na amargura qualquer pessoa. Mas não a ele, aparentemente. Mergulhou corajosamente no trabalho e deu uma série de conferências na Sorbonne, em Paris. Depois, foi de novo afectado por um problema de saúde e teve de passar várias semanas de convalescença fora de Paris. Durante esse tempo, visitei-o quase todos os dias.

Em maio de 1950 foi eleito «*Membre de l'Institut*», uma recompensa suprema, destinada às elites do mundo científico.

Após uma breve viagem à África do Sul, voltou a França, pensando que seria um regresso definitivo, quando, em 1953, recebeu um novo golpe: desta vez obrigavam-no a deixar Paris para sempre. Foi na América que encontrou refúgio. A partir daí, passou a viver em Nova Iorque. Entre outras missões, a Fundação Wenner Gren confiou-lhe a organização dum simpósio de especialistas na Universidade Berkeley, em junho de 1955. A morte atingiu-o antes que ele pudesse completar esta tarefa.

A MORTE DE TEILHARD

Foi em Nova Iorque que vi o Padre Teilhard pela última vez, alguns dias antes do Natal de 1954. Achei-o abatido e stressado. Mas não imaginava que nunca mais voltaria a vê-lo. Regressei a Chicago, onde tinha começado uma investigação científica. Telefonávamo-nos regularmente para darmos notícias um ao outro. No domingo de Páscoa de 1955, informaram-me pelo telefone da sua morte súbita. Que desgosto! E que mudança!

O domingo de Páscoa tinha sido um dia de alegria. A grande cidade estava banhada de luz primaveril. As avenidas cheias de gente a passear. Cada um celebrava, à sua maneira, a ressurreição de Cristo. Contrariamente aos seus hábitos, Teilhard tinha assistido à missa solene em Saint Patrick. Ele adorava sentir-se no meio da multidão, amigo como era da humanidade inteira. De tarde, tinha assistido a um concerto, e amigos seus tinham-no levado a tomar o chá tradicional em casa deles. Estava junto duma janela a folhear um livro quando lhe vieram anunciar que tudo estava pronto. Ele pousou o livro, deu alguns passos e tombou, inconsciente. Após uns momentos, abriu os olhos e perguntou onde estava. «Não me recordo de nada», disse, « *this time it is really terrible !* ». Foram as suas últimas palavras. No domingo anterior, Teilhard tinha declarado em público: *«gostaria de morrer num domingo de Páscoa».* Foi o que aconteceu, de maneira absolutamente inesperada.

Cheguei na manhã seguinte. Era segunda-feira, 11 de abril. Ele estava exposto na capela dos Padres do colégio Santo Inácio, Park avenue. Fiquei com ele um longo momento, meditando uma das suas orações, contida em «O Hino do Universo».

As exéquias tiveram lugar de manhãzinha, na terça-feira. A nave da igreja estava quase vazia. Não houve hinos, nem alocuções, nem música, nem mesmo o comovente «In Paradisium» que se canta geralmente para acompanhar um corpo ao cemitério. Foi sepultado em Saint-Andrew-on-Hudson, onde os Padres Jesuítas são sepultados. E é aí que ele repousa para sempre. A cerimónia desenrolou-se num espírito de desprendimento, nobre e impressionante.

Voluntariamente, omiti os numerosos acontecimentos que marcaram a existência, tão colorida e plena de aventura, de Teilhard; igualmente rica em alegria, sofrimento e provas humilhantes. Gostaria, no entanto, de dizer algumas palavras sobre a personalidade de Teilhard e sobre o que ele me trouxe pessoalmente.

A PERSONALIDADE DE TEILHARD DE CHARDIN

Não era difícil viver com o Padre Teilhard. Claro que ele tinha os seus defeitos. Era teimoso e extraordinariamente reservado em tudo o que se referia à sua vida privada. Nos últimos anos da sua vida foi atormentado por um grande sofrimento interior. Extremamente sensível, apreciava a amizade das mulheres. Longe de serem para ele um obstáculo, elas foram uma grande ajuda em diversas ocasiões, sem, contudo, desejar transgredir as normas respeitáveis de vida da Igreja católica. Ele era firme na regra de ser fiel em todas a coisas. Com a força e a pureza transparente da sua lógica espiritual, ousou caminhar em frente na vida como um homem, no «sentido plenamente humano e plenamente cristão» do termo, segundo a sua própria expressão. Na presença de tal

homem, a vida ganhava novas cores e novo relevo. Teilhard deu-me confiança em mim próprio. Não lhe escondia nada. Ele conhecia as minhas posições, os meus conflitos interiores, os meus sucessos e insucessos. Nos momentos de crise, quando apetecia abandonar tudo, era ele quem nos salvava a vida.

Consagrando uma boa parte do seu tempo ao silêncio e à reflexão, era aberto aos outros e tinha um feitio afável. Amigo fiel, nunca se esquivava quando alguém tinha necessidade dele. Era sensível ao charme da conversação. Gostava duma boa história e apreciava uma refeição bem preparada. Não hesitava em usar o seu humor inato.

Teilhard detestava a hipocrisia pedante, a humildade ostensiva e tudo o que evidenciasse suficiência. Escutava os interlocutores com muita atenção mas afastava-se da condescendência desdenhosa de que os grandes homens dão por vezes provas. Como o próprio Teilhard escreveu, ele tinha todo o respeito por qualquer ser humano, fosse qual fosse o seu país, crença ou meio social, desde que essa pessoa fosse animada do mesmo espírito de procura que ele. Estabelecia de imediato um contacto profundo. Empenhado em dar a conhecer as suas ideias, nunca tentava impô-las. Procurava ajudar os outros a pensar por si próprios, na esperança, evidentemente, de ser capaz de os convencer.

As minhas perspectivas mudaram radicalmente. Com o decorrer do tempo, descobri que, na vida espiritual, poderia ser um erro abdicar da nossa personalidade com o fim de uma pessoa se aproximar mais de Deus. No sopro de vida que nos impele, devemos amar cada vez mais para saber como amar melhor. O paradoxo característico de Teilhard do «apego-desapego» revelou-se-me sempre mais essencial e mais exigente. Vivê-lo implicava vencer muitos limiares difíceis. Parece-me poder dizer com toda honestidade que, sem o exemplo de Teilhard, a minha vida teria sido completamente diferente.

SEGUNDA PARTE

IDEIAS FUNDAMENTAIS

Permitam-me que vos apresente agora a obra do Padre Teilhard. Para muitos leitores, ela é de difícil compreensão: os seus neologismos, o estilo da sua escrita e a novidade do seu pensamento parecem obstáculos intransponíveis. Deixem-me, porém, tentar explicar-vos três ideias fundamentais sobre as quais se funda a sua obra, tal como o próprio Padre Teilhard me revelou:

1. Ele considerava a evolução como um fenómeno universal. A todos os níveis, tanto do mineral como do vivente, a evolução é a característica essencial da realidade experimental. A evolução não é criadora em si mesma, como a ciência pensava em determinado momento. Ela é a expressão da criação no espaço-tempo.

2. Em segundo lugar, a evolução opera-se num movimento que arrasta todas as

criaturas viventes para o psiquismo, ou vida psíquica, tornando-se o factor psíquico cada vez mais evidente à medida que as estruturas avançam em direcção a uma maior complexidade. O ponto culminante deste movimento ascendente é a reflexão, o facto de se saber que se sabe. É esta faculdade que faz da pessoa humana o centro espiritual do Pensamento, da Liberdade e do Amor.

3. Por fim, a pessoa humana, na medida em que é algo mais que uma simples identidade, encontra a sua plena significação numa Pessoa Suprema, Cristo, Ponto Ómega, Centro no qual o universo inteiro será transfigurado.

Assim, para resumir, há três linhas directrizes:

1. A evolução é omnipresente e progressiva
2. A evolução dirige-se para a pessoa humana
3. A pessoa humana encontra o seu pleno significado na Pessoa Suprema, o Ponto Ómega

Visto deste ângulo, o universo tem um centro espiritual em direcção ao qual todas as coisas convergem.

Teilhard empenhou-se em reunir o que os judeo-cristãos e os filósofos gregos tinham separado: o céu e a terra, matéria-instincto, a alma-corpo e o espírito. Em realidade, todos estes factores se combinam num *élan* dinâmico que avança. Tudo está em tudo. E assim, o universo torna-se um processo coerente, mais do que uma ordem (estabelecida). (tomo V, p.341)

A energia inicial (o espírito-matéria) diferenciou-se no decurso do tempo numa energia psíquico-química, material e espiritual. Quando a vida emergiu, apareceu igualmente a consciência psíquica, num movimento ascendente em direcção à Reflexão. O coroamento desta ascensão é o ponto Ómega.

Ao apresentar a Criação como uma síntese, Teilhard não se afasta de maneira nenhuma da ciência. Quanto mais os cientistas observam o universo, mais parece que se aproximam do modelo sugerido por Teilhard, cerca de cinquenta anos antes. [4] No entanto, homens célebres como Gregory Simpson e P. B. Medawar viram nesta teoria uma explicação mística da Evolução. Rejeitaram um trabalho de grande folego sob o pretexto de que não era científico, e fizeram-no em termos por vezes insultuosos.

Não vale a pena recordar que o progresso científico que se verificou ao longo dos últimos vinte anos modificou numerosos dados que não eram apreendidos anteriormente. Contudo, um facto permanece: tudo o que existe no nosso universo está ligado ao que se formou anteriormente e ao que virá depois. O mesmo se passa com a humanidade. O homem aparece na linhagem dos primatas, distinto de todos os espécimenes anteriores. É produto da Terra e nós podemos testemunhar que a sua evolução continua. Produto excepcional dum cosmos complexo, o homem não é um

[4] Hoje seriam 80 anos, uma vez que esta conferência ocorreu em 1987

indivíduo como um animal no meio dum rebanho. É um ser plenamente personalizado. Ele é «ele-mesmo». Insubstituível neste mundo. O homem reproduziu-se noutros homens. Nenhum deles é sem significado. É uma pessoa, talvez sem equivalente no Universo.

Todas essas pessoas formam uma unidade orgânica que se chama humanidade, mas, para lá desta uniformidade, existe uma humanidade pensante, «que cobre a superfície do nosso planeta, como uma película envolvente», onde se concentra a alma da Terra. Teilhard chama a esta camada pensante Noosfera, ou esfera do espírito, tal como a biosfera significa a esfera da matéria viva. Esta coroa, por assim dizer, não colora a Terra de verde ou azul, torna a Terra «fosforescente de pensamento».

O FIM DA EVOLUÇÃO

Será a pessoa humana um ponto final na Evolução?

São numerosos os que, no nosso tempo, preveem a chegada de um Super-homem. Fundam este desejo, ou esperança, na mutação do código genético ou no aumento do poder do cérebro. É-nos impossível prever até que ponto as técnicas modernas permitirão ao homem dominar a natureza. Posso, contudo, assegurar-vos de que nunca, em qualquer momento, Teilhard imaginou que o homem poderia tornar-se escravo duma qualquer invenção científica. Ele sonhava, pelo contrário, em promover o espirito e o coração.

A figura simbólica do cone vai ajudar-nos a seguir a lógica duma tal aspiração. A base do cone encontra-se no «coração da matéria», na parte mais profunda do Universo, que Teilhard designa por «a multitude». Ao longo dos tempos, as faces do cone elevam-se, a multitude inorgânica cede, pouco a pouco, o lugar ao organizado. Quanto mais subimos, mais psíquico encontramos. O psíquico acaba por alcançar a reflexão, isto é, a humanidade e a Pessoa humana. Com grande audácia, Teilhard extrapolou, a partir desta figura, duma forma que antes ninguém tinha imaginado, e prolongou os lados do cone em pontilhado até convergirem no cume. Para ele, este é o encontro final, o fim decisivo da aventura humana. Tudo se reunirá em Ómega. A partir desse momento, a Pessoa humana, flecha da Evolução, não mais poderá perder-se no nada. Absorvida por Cristo, permanecerá n'Ele, a Pessoa Suprema, o primogénito da criação, Aquele em quem tudo se reúne.

PONTOS DE VISTA ESPIRITUAIS

Se tudo o que existe se reúne finalmente em Ómega, então a «salvação» deixa de ser uma questão individual para ser «colectiva».

Não basta prepararmos o nosso futuro o melhor que podemos, em função das circunstâncias. Nós devemos retirar deste mundo toda a verdade e toda a energia contidas na criação.

Para Teilhard, há uma «*obrigação natural de continuar a procurar. Devemos lutar até ao fim para ver mais claramente, para agir com mais força, não apenas por entusiasmo cósmico, mas*

por dever estritamente natural e moral». Vemos que isso não diz respeito só ao homem, mas igualmente à matéria. É a matéria que confere ao psiquismo (e ao espírito) a estrutura de que ele tem necessidade para se manifestar; a matéria tem, pois, um valor espiritual.

Mas escutemos o que Teilhard tem a dizer-nos sobre isto:

«Bendita seja tu, áspera Matéria, gleba estéril, duro rochedo, tu que… nos forças a trabalhar se queremos comer. Bendita seja tu, perigosa matéria, mar violento, paixão indomável, tu que nos devoras se não te agrilhoamos… Tu que resistes e tu que cedes, – tu que acorrentas e tu que libertas… – Seiva das nossas almas, Mão de Deus, Carne de Cristo, Matéria, eu te abençoo.» (Jersey, 8 de agosto de 1919).

Estamos bem longe do materialismo que não vê na matéria senão «uma massa de força brutal e de pulsões inferiores». Estamos, também, muito longe dos Padres do Deserto e da sua fuga ao mundo. Trata-se de reincarnar o cristianismo uma segunda vez, de melhor o compreender para lhe dar um nascimento novo.

Teilhard, ele próprio, fez a experiência desta aproximação espiritual; viveu os seus apegos e os seus desenraizamentos, numa grande renúncia a si mesmo, como os grandes penitentes, se bem que de forma menos espetacular. O *Diário de 1915 a 1919*, os *Escritos do Tempo da Guerra* e *a Génese dum Pensamento* exprimem claramente a espiritualidade que era a sua. *«O cristianismo é um prolongamento do ímpeto vital. Ele deve receber a seiva de todas as ambições humanas para delas se alimentar».* Alguns anos mas tarde, em 1923, no decurso duma expedição científica na região desértica de Ordos, escreveu a sua inolvidável *Missa sobre o Mundo*.

«Porque, uma vez mais, Senhor, já não nas florestas do Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho nem pão, nem vinho, nem altar… oferecer-vos-ei… sobre o altar da Terra inteira, o trabalho e a dor do Mundo».

Em 1927, submeteu o manuscrito de «O Meio Divino» aos censores religiosos. Todos reclamaram a sua publicação imediata. Contudo, a sua edição só foi possível passados trinta anos. Depois disso, foi traduzido e difundido em todo o mundo e continua a ser um grande clássico da literatura religiosa.

A face do Cristo Universal, desse «Centro Total» em que tudo se reunirá, aparece em filigrana em toda a obra de Teilhard. É no *Cœur de la Matière* que o seu pensamento religioso se revela mais claramente. Eis, em conclusão, algumas citações desse livro:

«Quanto mais passam os anos, Senhor, mais eu estou convencido de reconhecer que, em mim e em meu redor, a grande e secreta preocupação do Homem moderno é muito menos competir pela posse do Mundo do que encontrar o meio de se evadir dele. A angústia de se sentir na Bolha cósmica, […] a busca ansiosa duma saída, […] enfim, a dor que pesa obscuramente sobre a alma, tanto de Cristãos como de Gentios, no mundo de hoje».

«Este Deus tão esperado pela nossa geração, não sois vós, Jesus, quem realmente o representa…?

«Senhor da minha infância e Senhor do meu fim… que sois, a partir de agora, o único a poder satisfazer-me, afastai finalmente todas as brumas que ainda vos ocultam… Oh Cristo sempre maior».

Para Teilhard, formou-se progressivamente uma ponte vencendo o fosso que

separava a ciência da fé. Ele viu que o Deus do Em-cima e o Deus do Em-frente não constituem senão um só e o mesmo Deus, atraindo a si a fina flor das energias espirituais deste mundo. O amor do mundo e o amor de Deus, enfim, tornados inseparáveis.

CONCLUSÃO

Passaram já mais de trinta anos desde que Teilhard fechou os olhos num domingo de Páscoa. Num mundo atormentado, causticado pela velocidade das mudanças, as pessoas da nossa época, privadas de qualquer realidade metafisica, concentram-se no lucro financeiro. Não têm sensibilidade religiosa e não encontram harmonia consigo próprias. Para muitas delas, a prática religiosa não passa duma maçada. A própria religião não lhes parece outra coisa senão um monte de ideias antiquadas. É o que vemos por todo o lado.

A obra do Padre Teilhard é, para nós, como que uma cura. Ensina-nos «a vontade de viver» e a vontade de ir em frente, graças a uma melhor compreensão do papel desempenhado pelo homem no processo universal da Evolução. «*Para se sair da incerteza que arrisca paralisar a nossa vontade de agir, não vejo outra solução que não seja elevarmo-nos acima dela e emergir, a fim de ter uma visão mais clara*». Ao longo de toda a sua vida, ele viveu sempre em conformidade com o que escrevia e dizia. Até ao último dia, o seu rosto irradiava o silêncio e a paz. «*Todo o Universo tenho-o diante de mim*», escrevia, «*com as suas nobres lutas, as suas buscas apaixonantes. Em pleno labor humano, posso e devo lançar-me até perder o fôlego. Quanto mais me perder aí, mais alcançarei o Cristo*». Hoje, ele diria ainda a mesma coisa, numa época em que somos testemunhas de mudanças tão profundas, prelúdio dum novo salto em frente das sociedades humanas.

Espero que possais viver como ele e agir como ele agiu, sem medo mas no fogo da Esperança. Só assim encontrareis a paz, a alegria de viver e o gosto pela vida. «*É a falta de audácia e de fé que reduz a vida a nada*», como ele costumava dizer. Não posso senão desejar-vos que presteis às suas palavras toda a atenção que elas merecem!

Versailles, fevereiro de 1987

[Conferência proferida pelo Padre Pierre Leroy sj aquando da criação do Centro de Estudos Teilhard da Universidade de Georgetown, Washington, em 1987. O Padre Leroy, como ele relata no seu discurso, esteve particularmente próximo de Teilhard na China e, depois, em França e nos Estados Unidos. Este texto descreve a sua intimidade ao mesmo tempo que nos dá uma clara visão de Teilhard. Muito obrigado ao Padre Mervyn Fernando sj por nos ter enviado este número especial. Assinalamos que as cartas do Padre Teilhard ao Padre Leroy foram publicadas por Centurion em 1976, sob o título «Cartas familiares de Pierre Teilhardd de Chardin, meu amigo – 1948-1955». Como todas as cartas de Teilhard, estas têm tanto de interessantes como de comoventes.] [5]

[5] Texto da mensagem de *Teilhard Monde*, que capeou o envio deste texto.

CORPO CÓSMICO

FREI BETTO [6]

«Teilhard de Chardin contempla o Universo como Corpo Cósmico de Cristo»

http://www.igrejanova.jor.br /edjunjl00.htm

A festa de Corpus Christi, no dia 22 de junho, convida os cristãos a reflectirem sobre a materialidade do ser. O cristianismo, malgrado as tendências espiritualistas, é a religião da concretude: fatos históricos, como a vida e a morte de Jesus; o pão e o vinho como símbolos da nossa comunhão com Deus; a "ressurreição da carne" proclamada no Credo.

Somos um corpo. Assim como a árvore brota da terra, o corpo humano emerge da evolução do Universo. Somos todos feitos de matéria estelar. Nosso corpo tem a idade aproximada de 15 biliões de anos! Sua gestação teve início quando o calor da explosão inicial do Universo ofereceu, a olhos nenhum, a primeira festa cósmica de São João. Fogueiras acesas no firmamento pontilharam de luz a escuridão do céu.

Ali, no bojo dos fornos estelares, o hidrogénio, cozido a temperaturas altíssimas e diferenciadas, engendrou o magnífico colar da escala atómica.

Todos os átomos do nosso corpo adquiriram, nas entranhas das estrelas, existência e consistência. Eram, então, como notas da escala musical que ainda não encontraram o instrumento capaz de fazê-las ressoar em música.

Muito tempo depois, os átomos de nosso corpo ganharam pele nas moléculas e vestiram-se com a roupa das células, construindo esse ser que somos. Já não faz sentido falar que somos um corpo dotado de alma. Menos platónico, São Paulo fala em "corpo espiritual" (I Coríntios, 15,44).

O corpo contém o espírito assim como o espírito se consubstancia no corpo. Os jogos labirínticos dos redutos quânticos fazem a energia pulsar em matéria e a matéria expressar-se em energia, unidas no aparente paradoxo das partículas que flúem como ondas e das ondas que se exibem em partículas.

Faces subtis de um mesmo perfil coroado pelos electrões, que brilham em torno do picadeiro desse fantástico circo onde protões e neutrões produzem, na proporção exacta, o espectáculo do ser.

Tudo isso é o corpo que somos, no qual a carne é tão espiritual quanto o espírito tão carnal, indivisíveis, dualidade sem dualismo, semente contida na árvore contida na semente que contém tronco e galho, seiva, folha e flor, assim como, desde seu início, o Universo nos continha e, desde sempre, Deus nos enlaça em seu abraço amoroso.

Esse corpo que somos é o corpo personificado do Cosmo. **Teilhard de Chardin contempla o Universo como Corpo Cósmico de Cristo.** "Nele vivemos, nos movemos e existimos", acentua os "Actos

[6] **Carlos Alberto Libânio Christo**, **Frei Betto**, (Belo Horizonte, 25 de agosto de 1944) é um escritor e religioso dominicano brasileiro, filho do jornalista Antônio Carlos Vieira Christo e da escritora e culinarista Maria Stella Libanio Christo. Professou na Ordem Dominicana, em 10 de fevereiro de 1966, em São Paulo. É adepto da Teologia da Libertação e é militante de movimentos pastorais e sociais, áreas em que é autor de numerosas obras editadas no Brasil e estrangeiro. (*Wikipédia*)

dos Apóstolos" (17,28).

Agora, em nosso corpo, o Universo abandona sua bilenar cegueira e ganha olhos em nossos olhos - espelhos em que ele se contempla e descobre, maravilhado, que é belo. Daí o nome que provém da mesma raiz grega de cosmético, aquilo que embeleza.

Somos a Terra em sua expressão humana. Nós, homens e mulheres, não somos qual o barco colocado sobre as águas. Somos a água moldada em ondas e espumas. Filhos da Terra, trazemos em nosso corpo a mesma proporção de água e sal encontrada neste planeta. Da natureza emergimos e graças a ela nutrimos a nossa vida, e encontramos em nosso corpo matas em forma de pêlos, superfícies lisas e ásperas, reentrâncias e protuberâncias, fendas, canais, fontes e cavernas.

Esse corpo que somos dorme e sonha, sofre e goza, sabe-se feliz ou contrai-se em tristeza, esbanja saúde ou fragiliza-se na doença. Sobretudo, é capaz de algo inacessível a todos os outros animais: sorrir. E, no entanto, ainda vivemos num mundo submerso em lágrimas. Porque esse corpo, provido de sentimentos e emoções, guarda rancores, iras e ódios, embora tão capaz de compaixão, ternura e amor.

Esse corpo que somos é morada divina. Porém, ainda profanado pelo trabalho opressivo, abatido pelas guerras, prostituído pela miséria, excluído pelo Estado de mal-estar social. Corpo feito para se revestir de dignidade, pleno de direitos.

Corpo copo que acolhe vinho e carinho e se projecta em palavras, como o pássaro lança-se ao vento que imprime voo às suas asas.

Esse nosso corpo, criado à imagem e semelhança de Deus, é idêntico ao corpo de Cristo e, como ele, vocacionado ressurreccionalmente à eterna idade, lá onde o tempo se despe do espaço e cede lugar à plenitude do amor.

“Cristo e o Big Bang são indissociáveis”. Entrevista especial com Ilia Delio

“A evolução é um processo inacabado, o que significa que ainda não estamos completos; nós ainda estamos sendo criados”, afirma a teóloga**.**

“A evolução é um processo inacabado, o que significa que ainda não estamos completos; nós ainda estamos sendo criados. É por isso que é essencial estarmos cientes do nosso papel na evolução, em sintonia com a inteligência mais profunda da natureza, e de que somos chamados a expressar criativamente nossos dons na evolução de nós mesmos e do mundo. O termo cocriador é muito apropriado. Quando agimos, nós participamos nas ações de Deus, ou, podemos dizer, Deus opera em e através de nós”, pondera a teóloga **Ilia Delio**, apontando para a contribuição do humano no amplo projeto de Deus.

Ela cita **Teilhard de Chardin** para enfatizar que seguimos adotando uma cristologia baseada em uma cosmologia antiga, a qual tornou-se irrelevante para os dias atuais. “Ele viu que Jesus surge por meio da evolução; de fato, **Cristo** e o **Big Bang** são indissociáveis. Ele fala de uma ‘terceira natureza’ de Cristo, significando que Cristo está relacionado com o cosmos.

A evolução é a ascensão de Jesus, o Cristo. Mas, como disse **[Raimon]** Pannikar, Cristo é maior que Jesus; Cristo abraça todo o cosmos. Nós também somos parte do mistério de Cristo”, sintetiza Ilia Delio. Para ela, o “universo não é apenas um mecanismo ou mero acaso. Ele tem significado e propósito, e seu significado é a plenitude em Cristo”.

A teóloga enumera na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, os três grandes desafios da vida religiosa contemporânea para que nos mantenhamos abertos à presença de Deus, a qual se manifesta a partir de dentro de nós mesmos: estarmos abertos às mudanças, já que nada é fixo no universo; percebermos que todas as coisas e seres estão interconectados e que mantêm entre si uma interdependência; buscarmos novos padrões de relacionamentos que nos levem em direção à vida, superando tudo aquilo que não contribui para a evolução contínua dos seres em direção a Deus. “Quando as necessidades mudam, mudam também as estruturas”, destaca ela, sugerindo as possibilidades de atuação do humano sobre as linhas da evolução.

Ilia Delio é uma irmã franciscana de Washington, Estados Unidos, diretora de Estudos Católicos da Universidade de Georgetown, onde também é professora visitante. Foi pesquisadora sênior no Woodstock Theological Center, concentrando-se na área de Ciência e Religião, além de professora e coordenadora de Estudos da Espiritualidade no Washington Theological Union, onde lecionou as disciplinas de História do Cristianismo, Teologia Franciscana e Ciência e Religião. É doutora em Teologia Histórica pela Universidade de Fordham e em Farmacologia pela Rutgers University-New Jersey Medical School.

Ela escreveu 14 livros, entre eles Care for Creation: a Franciscan Spirituality of the Earth (Cuidar da Criação: a espiritualidade franciscana da Terra - **Cincinnati: St.** Anthony Messenger Press, 2008), em coautoria com Keith Douglass Warner e Pamela Wood — a obra recebeu dois Catholic Press Book Awards em 2009. Seus livros mais recentes são God, Evolution and the Power of Love

(Deus, Evolução e o Poder do Amor – Maryknoll: Orbis, 2013) e From Teilhard to Omega: Cocreating an Unfinished Universe (De Teilhard a Omega: cocriando um universo inacabado - Maryknoll: Orbis, 2014).
Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as linhas gerais que fundamentam sua concepção de evolução?
Ilia Delio - Eu entendo a evolução como um processo de revelação da vida, a qual segue uma interação dinâmica de convergência, complexidade e consciência.
A evolução é um movimento em direção a formas de vida mais complexificadas que, em pontos críticos do processo evolutivo, trazem diferenças qualitativas.
IHU On-Line - A partir dessa definição, no que consiste a evolução consciente?
Ilia Delio - Uma vez que a pessoa humana surge da evolução, a evolução é história humana. **Teilhard de Chardin** disse que a evolução é o aumento da consciência; isto é, a natureza evolui com propósito ou direção. O surgimento da pessoa humana na evolução significa que estamos agora evoluindo no nível de autoconsciência. Nossas escolhas para o futuro terão impacto sobre o sentido da evolução. A pessoa humana tem uma posição de fronteira na evolução. Com o ser humano, a mente reflete sobre a matéria. Assim, é importante a forma como pensamos e aquilo que pensamos. Essencialmente, isso é o que eu entendo por "evolução consciente".
IHU On-Line - Em que medida tal perspectiva se conecta às concepções de um universo dinâmico e de um Deus dinâmico?
Ilia Delio - Teilhard acreditava que havia um poder no universo físico evoluindo para uma vida mais complexa. Ele chamou isso de poder **"Ômega"**, ou **Deus-Ômega**. Suas ideias refletem seu profundo compromisso com o cristianismo e sua base fundamental na Encarnação. Deus cria entrando em união. Criação e encarnação são duas dimensões do amor incondicional de Deus, o que significa que, a partir de uma perspectiva de fé, este universo não é apenas um mecanismo ou mero acaso. Ele tem significado e propósito, e seu significado é a plenitude em Cristo — uma ideia encontrada nos escritos de **São Paulo** .

IHU On-Line - Como a compreensão das pessoas como "devires dinâmicos" pode contribuir para nos tornarmos mais conscientes e responsáveis por nossas ações? É possível falar em "cocriação"?
Ilia Delio - Somos seres dinâmicos porque a evolução é um processo inacabado, o que significa que ainda não estamos completos; nós ainda estamos sendo criados. É por isso que é essencial estarmos cientes do nosso papel na evolução, em sintonia com a inteligência mais profunda da natureza, e de que somos chamados a expressar criativamente nossos dons na evolução de nós mesmos e do mundo. O termo cocriador é muito apropriado. Quando agimos, nós participamos nas ações de Deus, ou, podemos dizer, Deus opera em e através de nós.
IHU On-Line - Quais são as influências de Teilhard de Chardin e Raimon Pannikar em sua formação religiosa e acadêmica?
Ilia Delio - Fui muito influenciada por **Teilhard** e **Pannikar**. Teilhard foi um gênio espiritual, místico e cientista que teve profundos **"insights"** sobre a relação entre Deus e o universo físico. Eu não acho que ele tenha sido adequadamente compreendido. **Pannikar** também foi um pensador místico e profundo. **Pannikar** e **Teilhard** são muito diferentes e, ainda, complementares em suas abordagens sobre o mistério de Cristo.
IHU On-Line - Em que aspectos tais ideias oferecem uma nova compreensão de Jesus?

Ilia Delio - Teilhard sentiu que a nossa Cristologia tinha se tornado muito desatualizada; Pannikar sentiu o mesmo. **Pannikar** escreveu que "uma cristologia surda aos gritos humanos é incapaz de pronunciar a palavra de Deus". **Teilhard** disse que ainda estamos ensinando uma cristologia baseada em uma cosmologia antiga; ela tornou-se irrelevante. Ele viu que Jesus surge por meio da evolução; de fato, Cristo e o **Big Bang** são indissociáveis. Ele fala de uma "terceira natureza" de Cristo, significando que Cristo está relacionado com o cosmos. A evolução é a ascensão de **Jesus**, o Cristo. Mas, como disse **Pannikar**, Cristo é maior que Jesus; Cristo abraça todo o cosmos. Nós também somos parte do mistério de Cristo.

IHU On-Line - Quais são as críticas principais do Vaticano a esse respeito?

Ilia Delio - Eu não tenho certeza, mas o **Vaticano** fica nervoso quando teólogos alteram ou desafiam algum dogma estabelecido. Tudo está fixo e em seu lugar, e todas as ideias novas podem desmontar toda a história. Eu acredito que o Vaticano prefere ideias testadas longamente em vez de coisas novas.

IHU On-Line - Por que ideias como essas desagradam tanto a ortodoxia da Igreja?

Ilia Delio - Eu acho que pelas mesmas razões por que algumas pessoas ainda defendem o geocentrismo ou um cosmos centrado na **Terra**. Aceitar radicalmente novas ideias é perturbador. Seria preciso mudar a estrutura inteira de pensamento sobre as coisas de Deus, eu e o mundo. Preferimos uma velha ideia irrelevante a um novo relevante.

IHU On-Line - Qual é o papel das integrantes da Leadership Conference of Women Religious - LCWR **na vocação de dar à luz a Deus?**

Ilia Delio - Elas estão discernindo, em espírito de oração, a obra do Espírito na vida religiosa hoje. Elas estão conscientes de que nossas escolhas impactam não apenas a vida da Igreja e a vida do mundo, mas a direção da própria evolução. À medida que enfrentamos graves problemas ambientais, as religiosas estão tentando ver a melhor forma de viver o **Evangelho** como a **Boa Nova de um Deus** de amor em um mundo que ainda está se desenrolando.

IHU On-Line - Quais são os maiores desafios da vida religiosa?

Ilia Delio - Os maiores desafios na vida religiosa hoje são manter uma abertura para a obra do Espírito que está dentro de nós. Eu diria que os desafios são estes:

- Esteja aberto a mudar. Perceba que nada é fixo. Esteja aberto a novas ideias e insights.
- Perceba que tudo está ligado a tudo.
- Busque formar novos padrões de relacionamentos. Quando chegar a hora certa, deixe ir embora o que não gera vida e encontre novos padrões de relacionamento que aprofundem a vida. Isto é, quando as necessidades mudam, mudam também as estruturas.

***REVISTA IHU ON-LINE** 27 Julho 2014*

TEILHARD DE CHARDIN

Uma filosofia para os nossos dias

Instituto Adriano Moreira (Academia das Ciências)
Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

06.02.2017 **Abertura do Curso**	Prof. Adriano Moreira
Módulo 1 – *Pierre Teilhard de Chardin: O homem, o cientista, o místico*	Dr. António Paixão
07.02.2017 **Módulo 2 – Visão científica I** *A obra paleontológica de Teilhard de Chardin e a evolução humana*	Prof. Telles Antunes
08.02.2017 **Módulo 3 – Visão científica II** *A hipótese da pluralidade dos mundos habitados*	Prof. José Pereira Osório
13.02.2017 **Módulo 4 – Visão teológica I** *A Cristologia de Teilhard de Chardin: caminho para um Cristo sempre maior*	Prof. Gérard Donnadieu
14.02.2017 **Módulo 5 – Visão teológica II** *Pecado Original: sair dum cristianismo sacrificial*	Prof. Gérard Donnadieu
15.02.2017 **Módulo 6 – Visão prospectiva I** *A emergência da Noosfera e o futuro da humanidade*	Prof. Michel Renaud
20.02.2017 **Módulo 7 – Visão prospectiva II** *O desafio do pluralismo religioso*	Dr. J. M. Lozano-Gotor
21.02.2017 **Módulo 8 – Visão prospectiva III** *Fundamento duma ecologia integral segundo Teilhard de Chardin*	Drª M. Lourdes Paixão
22.02.2017 **Módulo 9 – Visão espiritual** *A coerência dos fenómenos convergentes*	Pe. Vasco Pinto de Magalhães sj

Encerramento do Curso

O Curso decorre na Academia das Ciências de Lisboa, ENTRADA LIVRE, começando cada sessão às 17.00h - Inscrições através do email: teilhard.portugal@sapo.pt

11º RETIRO ANUAL

Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

2 (fim do dia), 3 (todo o dia) e 4 (domingo, saída à tarde) de junho de 2017

Casa de Exercícios de Santo Inácio

(Rodízio, Praia Grande, Colares)

orientado pelo

Padre Vasco Pinto de Magalhães s.j.

(na linha da espiritualidade de **Teilhard de Chardin**)

PREÇO DA INSCRIÇÃO (por pessoa): €20.00 (não sócios), €15.00 (sócios)

Custo de estadia completa (2 dias), a pagar directamente à Casa de Retiros:
€148 por casal, **€136** por casal de aposentados,
€76 por pessoa isolada, **€68** por pessoa isolada aposentada
Preço de refeições tomadas isoladamente: **€13** (não residentes)

Inscrições a partir de 1 de Janeiro até 15 de Maio de 2017 (data limite)
(por ordem de data de chegada, com prioridade a sócios, até ao limite máximo de **50 pessoas**)
Confirmação após recepção do valor da taxa de inscrição

FICHA DE INSCRIÇÃO

11º RETIRO DA AAPTCP - 2, 3 e 4 de JUNHO DE 2017

Nome(s): _____
(indicar entre parêntesis se é casal)

Associado da AAPTCP: nº _____ **Não-associado da AAPTCP:** _____ (assinalar com **X**)

Contacto: telefone _____telemóvel_____
e-mail_____

Ocupação de quarto (assinalar com **X**):
casal _____ **individual** _____ **não residente** (só refeições) _____
Se individual, indicar disponibilidade para partilhar o quarto: sim ____ não ____

Data: _____ **Assinatura:** _____

destacar pelo picotado e enviar pelos CTT ou reenviar pelo e-mail teilhard.portugal@sapo.pt
ou efectuar a inscrição no site www.amigosteilhardportugal.pt
acompanhado do pagamento da taxa de inscrição (€15 associados, €20 não associados)
em cheque à ordem de AAPTCP ou transferência para o **IBAN PT 50 0036 0170 99100075960 71**
AAPTCP, R. Vila Catió, 397, 6º esqº, 1800-348 LISBOA (tlm: .912 341 356)

ORANDO com Teilhard de Chardin

Oh sim, Jesus, creio-o, e quero gritá-lo nos telhados e nas praças públicas. Não sois apenas o Mestre exterior das coisas e o esplendor incomunicável do Universo: mais que isso, sois a influência dominadora que nos penetra, nos sustém, nos atrai, pelo cerne dos nossos desejos mais imperiosos e profundos; sois o Ser cósmico que nos envolve e assim nos completa na perfeição da sua Unidade. É bem assim, é bem por isso, que vos amo acima de tudo! […]
Eis agora que na vossa humanidade, é a própria multitude da minha raça que se anima; e o sopro que lhe coagula e harmoniza os elementos esparsos não é um Espírito de natureza superior e perturbadora; é uma alma humana, que sente e vibra como eu: é a vossa própria alma, Jesus. E eis, ainda, que por uma condescendência suprema para com os meus desejos de actividade e de mudança, esse Mundo superior e definitivo que concentrais e abrigais em Vós, mo apresentais *inacabado*, de forma que a minha vida se possa alimentar da satisfação intensa de Vos dar um pouco a Vós. — É este o grande interesse, absoluto e palpável que eu sonhava como fim e ideal de todos os meus esforços humanos: o reino de Deus, a promover e a ganhar! O Vosso Corpo, Jesus, não é apenas o Centro de todos os repousos definitivos, é também o laço de todos os esforços úteis. Em Vós, paralelamente com *Aquele que é*, posso amar apaixonadamente *Aquele que se transforma*. […]
Mais uma coisa, Senhor, uma só. É que, para participar de Vós, me não seja de forma alguma exigido rejeitar o Mundo radioso no êxtase do qual despertei...

«A Vida Cósmica», 1916

LA PENSÉE de Teilhard

«D'une part, en effet, au-dessus de nous, une issue commence à luire positivement au plus haut de l'avenir. Dans un monde certainement ouvert à son sommet *in Christo Jesu* nous ne risquons donc plus de mourir étouffés !
Et d'autre part, descendant de ces hauteurs, ce n'est pas seulement de l'air, c'est le rayonnement d'un amour qui descend. Le monde n'est pas seulement respirable pour une vie éveillée à la prévision du futur. Mais il se découvre, par sa cime évolutive, passionnément attirant.»

Pierre Teilhard de Chardin, «Le Christique»,
Tomo XIII, Obras completas, Seuil, Paris, 1965, p. 106-107

Faça dos seus amigos, amigos de Teilhard de Chardin.
Divulgue a AAPTCP